

CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES NÍVEIS SOCIOECONÔMICOS: UM ESTUDO COMPARATIVO

Lara Reusing Braga ¹
Profa. Dra. Letícia Lovato Dellazzana-Zanon ²

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transições biológicas, psicológicas e sociais no qual ocorre a passagem da infância para a vida adulta (Breinbauer & Maddaleno, 2008). As concepções sobre adolescência envolvem o conjunto de crenças e estereótipos que jovens e adultos apresentam sobre essa fase (Ceci et al., 2009). Essas crenças podem influenciar o desenvolvimento dos adolescentes (Buchanan & Bruton, 2018; Gross & Hardin, 2007; Qu et al., 2016), afetando o engajamento escolar, as relações interpessoais e o comportamento social.

Na literatura internacional, a adolescência costuma ser representada como uma fase de “tempestade e estresse”, marcada por conflitos e riscos (Damon, 2004). Essa visão negativa reforça estereótipos e pode influenciar o comportamento dos próprios adolescentes, afetando sua saúde mental e bem-estar (Ambady et al., 2001). No Brasil, pesquisas indicam que a sociedade também tende a desvalorizar a adolescência, tratando-a como um período inevitável e angustiante (Bock, 2007). Mesmo livros de psicologia reforçam a ideia de que se trata de uma fase “quase patológica”, reforçando uma visão de espera até a chegada da adultez.

Ozella e Aguiar (2008), ao investigarem concepções de adolescência em diferentes níveis socioeconômicos, observaram que adolescentes de classes altas tendem a adotar uma visão mais individualizada, centrada no “eu”, enquanto adolescentes de classes mais baixas expressam preocupações com o futuro e responsabilidades familiares. Ainda assim, a ideia de que o adolescente é rebelde e conflituoso aparece em todas as

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCC, lararbragaa05@gmail.com;

² Professor orientador: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCC, leticia.zanon@puc-campinas.edu.br.

Este resumo expandido é resultado de um Projeto de Iniciação Científica que foi fomentado pela FAPIC/Reitoria da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



classes sociais. No contexto brasileiro, fatores como pobreza, insegurança e violência também influenciam o desenvolvimento dos adolescentes e suas concepções sobre essa fase (OBID, 2010; Banco Mundial, 2009).

Além das condições socioeconômicas, diferenças culturais e educacionais também moldam as concepções de adolescência. Pais de classes médias tendem a valorizar a autonomia, enquanto famílias da classe trabalhadora enfatizam a obediência e o relacionamento (Tudge et al., 2018). O tipo de escola frequentada pelos adolescentes reflete essas diferenças e pode reforçar desigualdades, uma vez que as escolas públicas enfrentam maior precariedade de recursos, impactando o desenvolvimento e a percepção dos estudantes (Guzzo & Filho, 2005). Considerando-se que a cultura molda as concepções de adolescência (Qu et al., 2016) e que a diversidade socioeconômica brasileira gera diferentes vivências dessa fase (Ozella & Aguiar, 2008), este estudo teve como objetivo investigar se há diferenças nas concepções de adolescência entre adolescentes de nível socioeconômico alto e baixo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Participaram 147 adolescentes de 13 a 15 anos ($M = 13,6$; $DP = 0,66$), matriculados em escolas públicas e particulares da região metropolitana de Campinas. Os critérios de inclusão foram estar cursando o Ensino Fundamental II, ter entre 12 e 15 anos e estar matriculado em escola pública ou privada. A amostra foi de conveniência. Entre os participantes, 59,1% eram mulheres cis e 40,8% homens cis; 60,5% se autodeclararam brancos, seguidos de pardos (25,9%) e pretos (6,8%).

Foram utilizados três instrumentos: (a) Questionário Sociodemográfico, com informações pessoais e escolares; (b) Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2019), para definir o nível socioeconômico; e (c) Questionário de Concepções de Adolescência (QCA) (Qu et al., 2016), que avalia quatro dimensões — individuação, responsabilidade familiar, desengajamento escolar e influência dos pares — por meio de escala Likert de nove pontos.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-Campinas (CAAE: 59712122.5.0000.5481). Após autorização das escolas, os estudantes receberam explicações sobre o estudo, os responsáveis assinaram o TCLE e os adolescentes o TALE. A aplicação ocorreu coletivamente nas escolas, durando cerca de 60 minutos.



Para análise, foram computadas variáveis sociodemográficas e aplicado o teste do qui-quadrado e o teste exato de Fisher para verificar associações entre tipo de escola e características da amostra. Em seguida, realizou-se análise multivariada de variância (MANOVA) considerando as quatro dimensões do QCA como variáveis dependentes e o tipo de escola como variável independente. Os pressupostos estatísticos foram verificados, e as análises foram realizadas no software RStudio (2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostraram diferenças significativas nas concepções de adolescência entre estudantes de escolas públicas e particulares, indicando que o tipo de escola e o nível socioeconômico estão associados. Adolescentes de escolas particulares apresentaram médias mais elevadas em individuação, enquanto os de escolas públicas apresentaram médias mais altas em desengajamento escolar. Não houve diferenças significativas nas dimensões de responsabilidade familiar e influência dos pares.

Esses achados confirmam que as desigualdades estruturais do sistema educacional brasileiro (Guzzo & Filho, 2005) influenciam o modo como adolescentes percebem a adolescência. Jovens de nível socioeconômico mais baixo tendem a manifestar maior desinteresse escolar, possivelmente em decorrência das condições de precariedade e insegurança que limitam seu engajamento (Banco Mundial, 2009; OBID, 2010).

Por outro lado, adolescentes de classes mais altas apresentaram concepções mais individualizadas, o que confirma os resultados de Ozella e Aguiar (2008) e se relaciona aos valores de autonomia e autoexpressão descritos por Qu et al. (2016) e Tudge et al. (2018). O foco na individuação reflete um contexto familiar que valoriza a independência e a autoafirmação, aspectos comuns em grupos socioeconômicos mais altos.

A ausência de diferenças significativas nas dimensões de responsabilidade familiar e influência dos pares indica que, embora o contexto econômico afete certas concepções, muitos estereótipos e expectativas sobre a adolescência permanecem comuns a todas as classes sociais (Ozella & Aguiar, 2008). As relações entre pares, por exemplo, são fundamentais para o desenvolvimento psicológico e social dos adolescentes, influenciando o autoconceito e o bem-estar (Carvalho et al., 2017).

Em síntese, os resultados reforçam que as concepções de adolescência são moldadas por fatores culturais, familiares e estruturais, e que as diferenças de classe e de escola refletem modos distintos de vivenciar essa fase.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo indicam que o nível socioeconômico e o tipo de escola estão associados a diferenças relevantes nas concepções de adolescência, especialmente nas dimensões de individuação e desengajamento escolar. Adolescentes de classes mais altas valorizam mais a autonomia e a individualidade, enquanto adolescentes de classes mais baixas demonstram maior distanciamento em relação à escola.

Esses achados evidenciam a importância de considerar o contexto social e educacional na formulação de políticas públicas e programas voltados a adolescentes. Sugere-se que futuras pesquisas ampliem a investigação para diferentes regiões do país e adotem delineamentos longitudinais para compreender a transformação dessas concepções ao longo do tempo. Também se recomenda investigar o papel da formação docente, das relações familiares e das experiências comunitárias na construção das concepções de adolescência.

Palavras-chave: Adolescência, Desenvolvimento do Adolescente, Psicologia do Desenvolvimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à FAPIC/Reitoria da Puc Campinas pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de Iniciação Científica, que possibilitou a realização desta pesquisa. Agradeço também à minha orientadora, Profa. Dra. Letícia Lovato Dellazzana Zanon, pela paciência, apoio e orientação durante todo o percurso. Aos meus familiares, principalmente meus pais, Paulo Cesar Braga e Laís Cristina Reusing, minha avó, Ivone Fatima Pires Reusing e minha irmã Helen Reusing Braga pelo incentivo incondicional. As minhas companheiras do grupo de pesquisa, Lúria Baptista e Maria Leymarie, e em especial a minha colega Maria Laura Tavares que sempre esteve presente para me aconselhar e ajudar. A Prof. Dra. Amanda Londero dos Santos pela realização das análises de dados desta pesquisa. As escolas da região metropolitana de Campinas que concederam espaço para que a coleta da pesquisa fosse realizada. Agradeço, por fim, a todos os meus amigos que me apoiaram durante esta etapa de minha vida.



REFERÊNCIAS

AMBADY, N.; SHIH, M.; KIM, A.; PITTINSKY, T. L. Stereotype susceptibility in children: Effects of identity activation on quantitative performance. **Psychological Science**, v. 12, n. 5, p. 385–390, 2001.

BANCO MUNDIAL. **Jovens em situação de risco no Brasil: Relatório técnico**. Brasília: Banco Mundial, 2009.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63–76, 2007.

BREINBAUER, C.; MADDALENO, M. **Jovens: escolhas e mudanças: promovendo comportamentos saudáveis**. São Paulo: Roca, 2008.

BUCHANAN, C. M.; BRUTON, J. H. Storm and stress. In: LEVESQUE, J. R. (org.). **Encyclopedia of adolescence**. 2. ed. Cham: Springer, 2018. p. 3814–3826.

CARVALHO, R. G.; FERNANDES, E.; CÂMARA, J.; GONÇALVES, J. A. R.; ROSÁRIO, J.; FREITAS, S.; CARVALHO, S. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 34, n. 3, p. 379–388, 2017.

CECI, S. J.; WILLIAMS, W. M.; BARNETT, S. M. Women's underrepresentation in science: Sociocultural and biological considerations. **Psychological Bulletin**, v. 135, n. 2, p. 218–261, 2009.

GUZZO, R. S. L.; FILHO, A. E. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. **Escritos sobre Educação**, v. 4, n. 2, p. 39–48, 2005.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS (OBID). **Estudantes**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010. Disponível em: <http://obid.senad.gov.br/...>. Acesso em: 28 out. 2025.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97–125, 2008.

QU, Y.; POMERANTZ, E. M.; WANG, M.; CHEUNG, C.; CIMPIAN, A. Conceptions of adolescence: implications for differences in engagement in school over early adolescence in the United States and China. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 45, p. 1512–1526, 2016.

TUDGE, J. R. H.; MARTINS, G. D. F.; MERÇON-VARGAS, E. A.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; PICCININI, C. A.; FREITAS, L. B. L. Children, families, and communities in Brazil: a cultural-ecological approach to child-rearing values and



practices. In: FLEER, M.; VAN OERS, B. (orgs.). **International handbook of early childhood education**. Dordrecht: Springer, 2018. p. 1503–1523.

